

Valores e Percepções sobre a Família e a Organização Familiar na América Latina

Nos últimos anos, vários estudos têm reportado as conquistas das mulheres no domínio público, individual, em detrimento a uma certa estagnação no âmbito privado, nas famílias. Desde a década de 1990, as mulheres são melhor educadas do que os homens em vários países da América Latina (por exemplo, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Panamá e Venezuela; ESTEVE et al., 2012) e sua participação no mercado de trabalho chegou a quase 44% em 2015 (WORLD BANK, 2018). As mulheres latino-americanas também estão participando mais na vida política do que no passado. A proporção de lugares ocupados pelas mulheres nos Parlamentos nacionais nos países latino-americanos aumentou de 13% em 2000 para 29,3% em 2017 (WORLD BANK, 2018). No entanto, mesmo alcançando níveis educacionais mais elevados que os homens, as mulheres latino-americanas ainda são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e cuidado dos filhos, estando submetidas à chamada dupla, muitas vezes tripla, jornada de trabalho (CANO e COVRE-SUSSAI, 2017, SOARES, 2008; SORJ, et al. 2007).

Provavelmente em decorrência das desigualdades que se perpetuam na esfera privada, muitas conquistas sociais se mostram incompletas. Por exemplo, estudos indicam que as mulheres que trabalham ganham menos do que os homens e estão inseridas em menor número no mercado de trabalho formal (ALVES e CAVENAGHI, 2013; MONTALI, 2004). No âmbito familiar, as mulheres de maior escolaridade demonstram maior poder de decisão acerca da organização familiar, mas aquelas de menor nível educacional ainda seguem as decisões tomadas por seus maridos ou companheiros (COVRE-SUSSAI et al., 2013).

Tanto o ambiente doméstico quanto a esfera pública sofrem influências dos valores, da cultura e das atitudes de um povo. No entanto, avanços na conquista de uma maior equidade de gênero acontecem de forma diferenciada em instituições no nível individual e no nível da família (ESPING-ANDERSEN, 2009; MCDONALD, 2000, 2013). Enquanto conquistas expressivas vêm sendo registradas no nível individual, como acesso à educação, ao mercado de trabalho

e à vida pública, as conquistas no nível da família têm acontecido em um ritmo muito mais lento, como a persistência da divisão das tarefas domésticas baseadas no modelo patriarcal, mesmo em famílias de dupla renda (ESPING-ANDERSEN, 2009; MCDONALD, 2000, 2013).

Essa persistente desigualdade no âmbito familiar parece ser vista com certa ‘naturalidade’ e até reforçada por muitos latino-americanos. A última onda do *World and Values Survey* (WVS, 2014) aponta que, embora 89% dos brasileiros discorde com a afirmação de que a educação universitária seja mais importante para meninos que para meninas; 60,4% acha que se a mãe trabalha fora os filhos sofrem; 44,4% acredita que ser uma dona de casa é tão recompensador quanto atuar no mercado de trabalho remunerado; e 33,5% concorda que se a mulher tiver rendimentos maiores que o marido, o casal certamente terá problemas (WVS, 2014).

O presente estudo utiliza os dados de três ondas do *World and Values Survey* (WVS, 1990-1994, 2005-2009 e 2010-2014) para verificar se valores e atitudes da população latino-americana, relativos à família e à organização familiar, variam de acordo com o nível educacional, situação socioeconômica e posicionamento político na escala direita-esquerda. Para tal, uma análise fatorial é utilizada para apresentar um indicador que busca mensurar o grau de “conservadorismo-progressismo” em relação à família (papel das mulheres, divisão do trabalho doméstico, cuidado, entre outros). Em seguida, análises de correlação são feitas entre este indicador e as demais variáveis de interesse.

Resultados preliminares indicam que pessoas de maior nível educacional e situação socioeconômica mais privilegiada tendem a ser menos conservadoras. Ao mesmo tempo, enquanto mulheres com orientação política à esquerda tendem a ser menos conservadoras, não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre homens localizados nos diferentes lados da escala política direita-esquerda.

Referências

ALVES, J. E. D. e CAVENAGHI, S. Indicadores de Desigualdade de Gênero no Brasil. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v. 18, n. 1, p. 83, 2013.

CANO, I. e COVRE-SUSSAI, M. A divisão por gênero das tarefas domésticas no Rio de Janeiro: atitudes e práticas. In: Clara Araújo; Andrea Gama. (Org.). *Entre a Casa e o Trabalho: Gênero e Família no Rio de Janeiro*. 1aed. Rio de Janeiro: NUDERG/UERJ, pp. 131-163, 2017.

COVRE-SUSSAI, M., MEULEMAN, B., VAN BAVEL, J. e MATTHIJS, K. (2013). Measuring gender equality in family decision making in Latin America: a key towards understanding changing family configurations. *Genus*, 69(3), 47–73, 2013.

ESPING-ANDERSEN, G. *The Incomplete Revolution: Adapting to Women's New Roles*. Cambridge: Polity Press, pp. 214, 2009.

MCDONALD, P. Gender Equity, Social Institutions and the Future of Fertility. *Journal of Population Research*, v. 17, n. 1, p. 1–16, 2000.

MCDONALD, P. Societal foundations for explaining fertility: Gender equity. *Demographic Research*, v. 28, n. May, p. 981–994, doi:10.4054/DemRes.2013.28.34, 2013.

MONTALI, L. Rearranjos familiares de inserção, precarização do trabalho e empobrecimento. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Caxambú, MG - Brazil: ABEP - Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2004.

SOARES, C. A distribuição do tempo dedicado aos afazeres domésticos entre homens e mulheres no âmbito da família. *Revista Gênero*, v. 9, n. 1, p. 9–29, 2008.

SORJ, B.; FONTES, A. e MACHADO, D. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. *Cadernos de pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 573–594, 2007.

WORLD BANK. *World Development Indicators*. Washington, D.C.: 2011.

WORLD BANK. *World Development Indicators*. Washington, D.C.: 2018.